

A MACEYORK DE RICARDO MAIA

ALESSANDRA VIEIRA
EDITORA DE CULTURA

Parafrazeando o próprio autor, se, de fato subjetiva, a arte é "coisa mental", como disse o gênio renascentista Leonardo Da Vinci, as mentes bem formadas pelo comum espírito de alagoanidade não devem ler *Maceyorkinos: ensaios de crítica cultural à Maceió-artística localizada* (Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2013), livro de Ricardo Maia. Nos 14 ensaios distribuídos em cento e oitenta páginas produzidos desde 1991 até 2012, Ricardo classifica de maceyorkinos aqueles artistas alagoanos, ou radicados em Maceió, "que produzem (ou acreditam produzir) arte contemporânea em Alagoas".

Segundo ele, esses maceyorkinos residiriam em Maceyork, uma cidade imaginária criada para "funcionar como uma espécie de protetorado da cultura supostamente incompreendida do pós-modernismo poético incorporado por eles" (os artistas). O livro retine ensaios de críticas, algumas publicadas em impressos (jornais, revistas) locais, não apenas sobre a produção artística desses artistas visuais, mas analisa que arte é essa produzida por eles e o quanto que essa arte pode contribuir para a formação cultural da população. "A ideia de Maceió como um protetorado apresentada logo no início do livro, é aquela pela qual o autor explica o porquê do título, quando levanta como hipótese a invenção de um município imaginário pelos artistas locais para que 'tal cidade possa funcionar como uma espécie de protetorado da cultura supostamente incompreendida do pós-modernismo incorporado por eles'. Pelo fato de que a Maceió-artística – como o protetorado da cultura que é a sua forma de funcionamento, conforme afirma Ricardo – seja um território à parte colocado sob a autoridade dos artistas maceyorkinos asfixiados pela realidade que supostamente não lhes aceita como são, a Maceyork de Ricardo no livro abriga-se nos desvãos de uma época", falou Francisco Oiticica, artista visual e professor de artes da Ufal.

"Na certa, por isso, a obra que Martha ora expõe na Pinacoteca Universitária da Ufal, nos causa tanta sensação à primeira vista. Seu extraordinário papel de catalisador de questões culturais inscritas em nossa memória coletiva, mais es-

pecificamente na memória histórica do nordeste brasileiro, a faz falar não apenas da artista que a produziu. Mas também, e sobretudo, do que ela fala sobre o seu/nosso contexto histórico. Aliás, um contexto fortemente marcado, como nos faz ver a própria artista, por uma identidade étnico-racial plural tipicamente brasileira", registrou Ricardo, sobre o trabalho de Martha Araújo, no artigo *Eu não sou eu e nem você: ou, Martha Araújo e a insustentável leveza de ser alagoana*.

Ao ler os textos de *Maceyorkinos*, o leitor percebe um desejo incontrolável e incansável de provocar (inegável característica do autor). "Essa provocação transmite uma grande tranquilidade aos leitores de *Maceyorkinos*: ensaios de crítica cultural à Maceió artística glocalizada. Porque abre espaço para uma interlocução urgente entre escritores, artistas plásticos, outros criadores e críticos – digo críticos e não aqueles cultores do gosto que alardeiam suas preferências estilizadas pela amizade ou pelo parentesco e tecem elogios ou reprovações – que possa circunscrever um campo de produção artística portador de cabeça, tronco e membros", destacou Lincoln Villas Boas no prefácio.

Vale ainda registrar que obras como *Maceyorkinos* não são comuns no universo da arte em Maceió (se tratando de Alagoas, talvez em nenhum outro universo), no entanto, segundo o autor, a iniciativa foi bem aceita no meio. "Diziam-me que as pessoas críticas eram personas non gratas, portanto, indesejadas e excluídas socialmente. No processo de construção social deste livro, vi que não era bem assim. Pelo menos não atualmente ou no meu caso, pois as colaborações com sua composição foram tão voluntárias ou radicais, por sua vez, as recusas para que ele não visse a público como um legítimo documento de cultura histórica sobre a arte contemporânea produzida em Alagoas por alagoanos", garante Ricardo.

MACEIÓTIMOS

Segunda e menor parte de um projeto chamado *Hora H: Contratextos*, *Maceyorkinos* é precedido de *Maceiótíms*. Segundo Ricardo, os dois capítulos juntos são dialeticamente antagônicos e, ao mesmo tempo, complementares. "Essas duas partes, respectivamente, são



Ricardo Maia ao lado de uma reprodução fotográfica da Estátua da Liberdade

Visite o mirante da Estátua da Liberdade Elevador panorâmico grátis



FRANCISCO OITICICA
ARTISTA VISUAL
E PROFESSOR DE
ARTES DA UFAL

"A ideia de Maceió como um protetorado apresentada logo no início do livro, é aquela pela qual o autor explica o porquê do título, quando levanta como hipótese a invenção de um município imaginário pelos artistas locais para que 'tal cidade possa funcionar como uma espécie de protetorado da cultura supostamente incompreendida do pós-modernismo incorporado por eles'"

constituídas por categorias identitárias de criativos alagoanos da arte a que me refiro. Complementares porque uma sem a outra não conseguiriam sozinhas construir sócio-historicamente na Maceió-artística as suas identidades culturais", diz. "Ainda pretendo publicar *Hora H: Contratextos* na íntegra. Mas aconteceu que a falta de fundos impediu a publicação dele neste exato momento. Então, tomei a decisão de publicá-lo inicialmente pela sua segunda parte, que era a menor e, portanto, menos onerosa".

POR QUE MACEYORK

"A expressão denominada 'Maceyork' talvez tenha surgido pela primeira vez no final do ano de 1985, quando alguns artistas da chamada 'vanguarda-caeté' criaram uma boate com este nome, no bairro maceioense do Jaraguá. A boate foi idealizada para funcionar no modelo ultraliberal do famoso Stúdio

54: uma discoteca da Nova York do final dos anos 1970, que era frequentada por celebridades do mundo artístico global até meados da década de 1980. Imagine só, na época, o "delírio maceyorkino" (isto é, glocal e glocalizante) de alguns artistas na luta contra o "marasmo infame" (VIEIRA, 1984) da Maceió da época... Um delírio-guerreiro (ou uma luta delirante) que nada mais era, teorizando-se com Castoriadis (1992), que a própria Maceió artística (re)criando sócio-historicamente seu mundo. E isto enquanto o investia de sentido para fazer provações de significação imaginária radical destinada a absorver e suprir-se, com antecedência, de tudo o que aparecesse a partir de então. Nesse processo sócio-histórico de instituição imaginária da Maceyork artística, esta cidade-subjetiva fez os maceyorkinos que, por sua vez, também a fazem".

Serviço

Título: *Maceyorkinos: ensaios de crítica cultural à Maceió-artística glocalizada*
Autor: Ricardo Maia
Editora: Imprensa Oficial Graciliano Ramos
Pontos de venda em Maceió: Bancas de revista das praças Deodoro (Centro), Sincumbá (Centro) e Centenário (Bairro do Farol); Livraria da Associação Comercial de Jaraguá; Cafeteria do Espaço Cultural Arte Paçuçara (Paçuçara) e endereço eletrônico maceyorkinos@gmail.com.

